OPERAÇÕES DE M&A

Fusões e aquisições em Portugal vão reanimar no segundo semestre

P4



Miguel A. Lopes/Lusa

OPERAÇÕES DE M6A

Fusões e aquisições em Portugal vão reanimar no segundo semestre

A Efacec e a TAP são as operações mediáticas por excelência de 2023. Mas as fontes contactadas pelo JE não acreditam que a privatização da companhia aérea fique concluída em 2023. Este é o ano das capitais de risco.

MARIA TEIXEIRA ALVES
mtalves@medianove.com

É mais ou menos consensual que as operações de fusões e aquisições de empresas são muito sensíveis a fatores de instabilidade e volatilidade, e eles não faltaram em 2022.

Como a grande parte das operações que fecharam no primeiro trimestre deste ano foram "herdadas" de 2022, na medida em que os processos foram desencadeados no ano passado, no início deste ano ainda se viram "os motores das operações de M&A a demorarem a arrancar", como nos conta Francisco Alvim, responsável pela área de fusões e aquisições (M&A) da Howden, que mostra, no entanto, um otimismo moderado para o resto do ano dependente do enquadramento político para o investimento estrangeiro e da evolução do contexto macroeconómico.

Essa é também a opinião de um dos maiores *players* do sector em Portugal, que diz que "o mercado de M&A, nos primeiros meses, ressentiu-se sobretudo porque a subida das taxas de juro e de inflação acabou por ter impacto negativo na valorização dos ativos (porque os investidores exigiam taxas de retorno mais elevadas, o que baixa o valor dos ativos)". Assim, "a perceção que existiu no mercado foi que quem não necessitava mesmo de vender ativos para reduzir dívida ou gerar liquidez, não vendeu", explica a mesma fonte.

Mas, apesar dos principais fatores que levaram a que a atividade de M&A contraísse em 2022 permaneçam em 2023, "a tendência deverá inverter-se um pouco nos próximos meses. Primeiro, porque assiste-se a uma redução da expectativa de subida das taxas de juro e até se especula que poderá iniciar-se em breve uma trajetória de redução, o que levará o valor dos ativos de qualidade a aumentar, proporcionando maior dinamismo ao mercado", segundo uma fonte contactada pelo Jornal Económico, que lembra ainda "em Portugal, também há expectativa de que os Fundos do Programa Consolidar cheguem finalmente ao mercado".

"A probabilidade de o ano ser, afinal, melhor que 2022 não é ilusória", afirma o advogado Manuel Santos Vítor

"Foi recentemente anunciada a primeira operação de M&A", revela fonte referindo-se à capital de risco Growth Partners Capital que adquiriu, por 6,4 milhões de euros, uma participação numa empresa do grupo Campicarn, com recursos que o Banco Português de Fomento disponibilizou no quadro do programa Consolidar. Mas, diz, "até ao final do ano, muitas outras se deverão seguir, sobretudo nos setores industriais, agro-alimentar e turismo, em face dos sectores onde as gestoras de fundos se propõem investir". O único fator que pode alterar esta expectativa "é se existir uma recessão na economia. Mas esse não é o cenário central atualmente", defende a mesma fonte.

"A probabilidade de o ano ser, afinal, melhor que 2022 não é ilusória", refere Manuel Santos Vítor, sócio da Abreu Advogados. Quais as possíveis razões para isso? "Os *players* do sector já terão, na medida do possível, contabilizado e incorporado nos seus modelos de avaliação os fatores de instabilidade de 2022; alguns desses fatores registam ligeiras melhorias, como a in-

flação; há dinheiro para novos projetos, por exemplo no sector de *private equity* e mesmo grandes grupos empresariais; e os nossos bancos parecem sair da letargia em que estavam enredados com sucessivas crises, taxas de juros negativas ou quase, e a viverem de comissões em vez de empréstimos e financiamentos de projetos; e alguns sectores permanecem robustos, dinâmicos e com oportunidades interessantes como sejam, os sectores de energia, imobiliário, agroindustrial e empresas tecnológicas".

Manuel Santos Vítor diz ainda que as "operações como a privatização da Efacec e da TAP, a capitalização da EDP e outras pré-anunciadas podem influenciar positivamente o mercado". Uma opinião partilhada por Francisco Alvim que diz que o sucesso dessas operações "gera confiança no mercado".

"Há liquidez e vontade de investir", realça, por sua vez o responsável da Howden.

O mercado aposta na concretização da privatização da Efacec, mas já quando à privatização da TAP nenhum dos especialistas contactados acredita que se conclua este ano, em parte por causa do impacto político que afecta a operação. É preciso não esquecer que quer a Efacec, quer a TAP precisam da autorização da Comissão Europeia.

Quais são os sectores mais propícios a operações de fusões e aquisições? "Energia, imobiliário, hotelaria e turismo", diz Manuel Santos Vítor, que não descarta ainda a banca.

Francisco Alvim, por sua vez, defende que o imobiliário, as infraestruturas, as energias renováveis e as telecomunicações são sectores propícios a operações de M&A este ano. Não descartando ainda o papel das operações de *private equity*.

Na mesma linha, o advogado que é *partner* da Abreu e um dos coordenadores da equipa de Corporate e M&A também defende como provável "que 2023 seja o ano em que se sinta (finalmente) o efeito da bazuca europeia [PRR – Plano de Recuperação e Resiliência] o que pode gerar, indiretamente, oportunidades de M&A".

"Também podem surgir oportunidades em sectores mais afetados por via de restruturações de grupos empresariais e venda de *distressed assets*", refere.

O abrandamento da atividade de M&A que se sentiu no final do ano passado e que se alastrou ao primeiro trimestre deste ano, não foi um fenómeno exclusivo de Portugal, aconteceu o mesmo em Espanha e no Reino Unido, revela a Howden. Ao contrário do que aconteceu por exemplo em França, na Alemanha e até em Itália, onde mantiveram um forte ritmo de operações.

"Assistimos atualmente a várias operações novas arrancarem ou retomarem, o que indicia um movimento de retoma e representa um indicador de confiança para a segunda metade do ano", defende Francisco Alvim.

M&A em números

O mercado transacional português movimentou 2.586 milhões de euros no primeiro trimestre de 2023 em 109 transações registadas em Portugal, de acordo com o mais recente relatório do TTR Data (ainda que só 45% do total das transações possua os valores revelados). Estes números representam uma diminuição de 14% no número de transações em comparação ao mesmo período de 2022, no entanto, o capital mobilizado registou um aumento de 68% em comparação com o ano passado.

Olhando para os sectores, verifica-se que o imobiliário foi o mais ativo no período, com 21 transações. Mas houve um grande crescimento de 59% no volume de transações em *venture Capital*, segundo a TTR.

No primeiro trimestre de 2023, foram contabilizadas seis transações de *private equity*, representando uma diminuição de 25% no número de operações em comparação ao mesmo período de 2022, segundo o mesmo relatório. Já em capital de risco, foram realizadas 35 rondas de investimento e um total de 149 milhões de euros, representando um crescimento de 59% no número de transações.

No segmento de Asset Acquisitions, foram registadas 29 transações com um valor de 287 milhões de euros, representando uma queda de 14% no número de operações.

No âmbito além-fronteiras (*cross-border*), quanto à número de transações, a Espanha e a França, foram os países que mais investiram em Portugal no período, contabilizando 13 e seis transações, respetivamente. As empresas portuguesas escolheram a Espanha e o Brasil como principal destino de investimento, com seis e quatro transações, respetivamente.

Por outro lado, as empresas norte-americanas diminuíram em 60% suas aquisições no mercado português, no primeiro trimestre de 2023. Sendo que as aquisições estrangeiras no sector de Tecnologia e Internet diminuíram em 61% em comparação ao mesmo período de 2022, de acordo com o mesmo diretório.

Qual foi a maior transação do trimestre?

A transação destacada pelo TTR Data no primeiro trimestre de 2023, foi a aquisição pelos norte-americanos da LCN Capital Partners de um portefólio de 50 supermercados da Trei Real Estate, por um valor total de 150 milhões de euros. Apelidado de "Project Amália", era o maior portefólio de supermercados de Portugal. A transação contou com a assessora jurídica dos escritórios Morais Leitão e PLMJ. A consultora imobiliária CBRE Portugal foi o assessor financeiro e a KPMG Portugal realizou a *due diligence*.

No primeiro trimestre destaca-se ainda a compra dos hotéis Dom Pedro (do grupo Saviotti) pelo fundo britânico Arrow Global. Também este ano a Onex Holding chegou a acordo com a Finerge, a quem vende cinco parques eólicos em Portugal por 548 milhões de euros, num negócio em que o Santander foi assessor financeiro da Onex.

IM. | Copyright licensed by Visapress | P. 3 of 3